

ALEXANDRA MARTO

**O IMPACTO DO STRESSE NO JULGAMENTO MORAL
EM GRUPOS DE SUJEITOS COM DIFERENTES TRAÇOS
DE PERSONALIDADE**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2016

ALEXANDRA MARTO

**O IMPACTO DO STRESSE NO JULGAMENTO MORAL
EM GRUPOS DE SUJEITOS COM DIFERENTES TRAÇOS
DE PERSONALIDADE**

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

**Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Ana Teresa Martins
Professor Doutor Luís Filipe Faísca**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2016

O Impacto do stresse no Julgamento Moral em grupos de sujeitos com diferentes traços de personalidade

Declaração de Autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura:

Alexandra Marto

Copyright em nome de Alexandra Marto

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à Professora Ana Teresa Martins por toda a disponibilidade, compreensão, simpatia, incentivos, sorrisos e conhecimentos partilhados ao longo de todo este percurso. Ao Professor Luís Faísca pela dedicação, sabedoria e tempo que despendeu durante a orientação.

Obrigada ao meu colega Tiago Sobral por toda a companhia, ajuda, pelos momentos divertidos e principalmente pela força que fomos dando um ao outro.

Agradeço aos meus amigos do coração Cláudia Lourenço, Rita Madeira, Verónica Rijo, João Gomes e Hélder Vitorino pela força, apoio, e acima tudo pela amizade.

Por fim, um grande obrigada aos meus queridos pais e à minha irmã! A quem agradeço todas as palavras de força e apoio que sempre me deram ao longo deste caminho.

Por fim, agradeço a disponibilidade a todos participantes que integraram o procedimento experimental.

Resumo

Estudos recentes parecem indicar um papel importante das emoções na decisão moral. Estas inferências foram feitas por alguns investigadores que observaram que sujeitos sobre o efeito de stresse, cujo objetivo era causar variações emocionais, parecem resolver dilemas morais de forma menos utilitária. Ainda assim, existem resultados inconsistentes na literatura sobre este tema. A falta de consenso tem sido explicada através das variáveis interindividuais, como por exemplo, o efeito moderador da personalidade, normal ou patológica. Neste contexto, fomos avaliar as características de personalidade, de acordo com o modelo dos cinco fatores de personalidade – *Big Five*, de 11 participantes com os traços dominantes de neuroticismo; 17 participantes com amabilidade e 23 participantes com traços dominantes de conscienciosidade, que posteriormente foram distribuídos, de forma aleatória, por duas condições experimentais (grupo controlo vs. grupo stresse). Medidas fisiológicas e comportamentais foram recolhidas enquanto os participantes completavam uma tarefa de julgamento moral que envolvia dilemas hipotéticos. Os principais resultados sugerem que os participantes sob indução de stresse fazem menos julgamentos utilitários, sobretudo perante dilemas mais aversivos, parecendo também haver uma tendência para demorarem mais tempo a tomar uma decisão perante estes dilemas. Ao contrário dos grupos com traços dominantes de amabilidade e conscienciosidade, cujas respostas utilitárias são semelhantes entre condições experimentais, observámos que o grupo de participantes com traços dominantes de neuroticismo apresentava uma proporção superior de respostas não-utilitárias quando se encontravam sob stresse.

Palavras-chave: Julgamento moral; stresse; traços de personalidade.

Abstract

Recent studies seem to indicate an important role of emotions in moral decision. These inferences were made by some researchers that observed subjects with stress effect, which aimed to cause emotional changes, seems to solve moral dilemmas in a less utilitarian way. On this topic there are still inconsistent results in the literature. The lack of consensus has been explained by means of intervariables, such as the moderating effect of personality, normal or pathological. In this context, we evaluate the personality traits, according to the model of the five personality factors - Big Five, 11 participants with dominant neuroticism trait; 17 participants with agreeableness and; 23 participants with dominant trait of conscientiousness, which were then distributed randomly for two experimental conditions (control group vs. stress group). Physiological and behavioral measures were taken while participants completed a moral judgment task involving hypothetical dilemmas. The main results suggest that participants under stress induction make less utilitarian judgments, particularly against more aversive dilemmas, also there seems to be a tendency to take longer to make a decision before these dilemmas. Instead in groups with dominant traits of agreeableness and conscientiousness, whose utilitarian responses are similar between experimental conditions, we could observe that the group of participants with dominant traits of neuroticism had a higher proportion of non-utilitarian responses when they were under stress.

Keywords: Moral judgment; stress; personality traits.

Índice

| | |
|--|----|
| 1. Introdução..... | 1 |
| 2. Método | 7 |
| 2.1. Participantes..... | 7 |
| 2.2. Instrumentos..... | 8 |
| 2.3. Procedimento Experimental..... | 10 |
| 2.3.1. Instrumentos para indução de stresse e condição controlo..... | 10 |
| 2.3.2. Tarefa de Julgamento Moral..... | 11 |
| 2.4. Recolha de dados | 12 |
| 3. Resultados | 13 |
| 3.1. Indução de stresse: Verificação da manipulação experimental | 13 |
| 3.1.1. Entrevista semiestruturada para avaliação dos pensamentos e emoções.. | 15 |
| 3.2. Efeito do stresse e dos domínios do <i>NEO-FFI</i> nos julgamento utilitários | 15 |
| 3.3. Associação entre os traços de personalidade (NEO-FFI), o Julgamento Moral, a Empatia (IRI) e a resposta individual de stresse | 17 |
| 4. Discussão..... | 20 |
| Referências Bibliográficas..... | 24 |
| Anexos..... | 27 |

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 2. 1. Representação esquemática da ordem de apresentação dos dilemas apresentados a cada participante..... | 12 |
| Figura 2.2. Procedimento do GS. | 13 |
| Figura 3.2. Frequência cardíaca antes e após a indução de stresse para cada grupo (GS vs. GC). | 14 |
| Figura 3.1. Ansiedade Estado antes e após a indução de stresse para cada grupo (GS vs GC). | 14 |
| Figura 3.3 Percentagem de respostas utilitárias nos dilemas morais pessoais por grupo (controlo vs experimental) e por traço de personalidade (média ± Erro-padrão)..... | 16 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 3.1. Efeito da manipulação experimental nos níveis de Stresse (indicador fisiológico e comportamental)..... | 14 |
| Tabela 3.2. Percentagem de julgamentos utilitários nos dilemas morais pessoais e impessoais em função do grupo (controlo vs. experimental) e do traço de personalidade (maquiavélico, narcísico e saudável)..... | 16 |
| Tabela 3.3. Correlações entre os domínios de personalidade, Julgamentos Morais. Tempos de resposta, IRI e Frequência Cardíaca. | 19 |

1. Introdução

O estudo do julgamento moral tem tido um especial destaque entre investigadores por se tratar de um processo psicológico cujas bases se encontram ainda por esclarecer. Se até à década de 80, autores como Piaget e Kohlberg argumentavam que para a tomada de decisão moral apenas participavam processos cognitivos, racionais e lógicos (Greene & Haidt, 2002), mais recentemente tem sido sugerido que a decisão moral é contaminada maioritariamente por processos emocionais, automáticos e inconscientes (Dedeke, 2015; Haidt, 2007; Schnall et al., 2008). Esta nova perspetiva teórica tem-se baseado em estudos experimentais que recorrem a dilemas morais para estudar os processos psicológicos envolvidos no julgamento moral.

Os dilemas morais, independentemente da sua categoria, são histórias que hipoteticamente podem acontecer no dia-a-dia e que envolvem uma decisão por parte do interveniente. Podem ser divididos em diferentes categorias: não morais, morais impessoais e morais pessoais conforme a intensidade emocional inerente. A resposta aos dilemas implica inevitavelmente um posicionamento face à situação exposta, onde uma das partes implicadas na história pode ficar em desvantagem (Dedeke, 2015; Greene & Haidt, 2002). O objetivo é colocar o sujeito num contexto hipotético onde tem que decidir se é ou não apropriado cometer um determinado tipo de injúria ou violação das normas, de modo a atingir um bem favorável pessoal ou a um maior número de pessoas (Koenigs, Kruepke, Zeier, & Newman, 2012). Portanto, tem que se optar entre dois rumos de ação opostos que envolvem uma violação moral (Conway & Gawronski, 2013; Descioli, 2016). A resolução de dilemas morais, normalmente, implica um conflito cognitivo e emocional, por parte do indivíduo de quem se espera uma resposta. A resposta do indivíduo pode resultar de um cálculo utilitário, de como maximizar o bem-estar ao maior número de pessoas (resposta utilitária) (Greene, Nystrom, Engell, Darley, & Cohen, 2004). Por outro lado, pode sugerir uma intensa aversão emocional em relação à ação proposta e adotar a resposta não utilitária (e.g. não aceitar a morte de uma pessoa para conseguir salvar a vida de outras cinco) (Koenigs et al., 2012; Paxton, Bruni, & Greene, 2013) .

Na população geral, a atribuição de respostas utilitárias é incomum, sobretudo perante dilemas que implicam um sacrifício de um inocente, uma vez que estes são

percecionados como emocionalmente aversivos e provocam um elevado conflito na tomada de decisão (Starcke, Ludwig, & Brand, 2012).

Muitos autores têm sugerido, por exemplo, que a atribuição maciça de decisões utilitárias é encontrada sobretudo em sujeitos com uma frágil cognição social (Djeriouat & Trémolière, 2014). A cognição social refere-se aos processos cognitivos que codificam e descodificam o mundo social, o *self* e a percepção social (Beer & Ochsner, 2006). Aquando de um défice na cognição social, as capacidades inerentes ao julgamento moral, assim como, a capacidade de inferir acerca do estado mental (pensamento, sentimentos, emoções) dos outros poderá estar comprometida. Erros no processamento (reconhecimento e expressão) de emoções e no comportamento moral foram inicialmente observadas em sujeitos com perturbação do desenvolvimento como, as perturbações no espectro do autismo (Zalla, Barlassina, Buon, & Leboyer, 2011) e em pacientes com lesões cerebrais pré-frontais e com demência frontotemporal (Koenigs et al., 2007, 2012).

Considerando os casos supramencionados, a capacidade de processamento de emoções está comprometida, portanto, a tomada de decisão moral parece ser maioritariamente orientada por processos cognitivos, resultando em respostas morais indiferentes ao sofrimento alheio e calculistas. Estas conclusões sustentam a noção de que as emoções desempenham um papel significativo na decisão moral.

Por esta razão, alguns autores têm estudado o impacto das variações emocionais no julgamento moral. A apresentação de situações stressantes aos sujeitos têm sido útil para perceber a interferência nos processos cognitivos/controlo executivo induzida pela variação emocional, de forma a perceber se os sujeitos em situação de stresse perdem capacidade de decidir de forma mais cognitiva, ou seja, racional e controlada. A literatura sugere que há uma tendência para os sujeitos experienciarem diferentes emoções em qualquer situação stressante. O stresse surge quando a relação entre o indivíduo e o ambiente é percebida como desafiadora ou na ausência de recursos de resposta, e põe em perigo o seu bem-estar (Folkman, Lazarus, Dunkel-Schetter, DeLongis, & Gruen, 1986). Em concreto, a indução de stresse pode contribuir para esclarecer o processo (emocional vs. cognitivo) dominante na decisão moral.

Perante a influência de stresse a capacidade inerente ao raciocínio para responder a dilemas aversivos pode sofrer alterações (Gubbins & Byrne, 2014; Starcke, Polzer, Wolf, & Brand, 2011). O stresse está relacionado com a tomada de decisão (Starcke et al., 2012), pois inibe processos cognitivos necessários para conter respostas

emocionais automáticas (Gubbins & Byrne, 2014; Youssef et al., 2012). Assim, é sugerido por alguns investigadores que a exposição ao stresse parece inibir recursos cognitivos como a atenção (Elling et al., 2011), a memória de trabalho ou a evocação da memória episódica (Luethi, Meier & Sandi, 2009). Estas funções executivas/cognitivas são responsáveis pelo planeamento e controlo de ação, necessárias para substituir respostas emocionais automáticas em respostas mais objetivas e racionais (decisão utilitária).

Um dos primeiros estudos sobre o efeito do stresse no julgamento moral foi conduzido por Starcke, Polzer, Wolf e Brand (2011), cujo principal objetivo era induzir stresse numa amostra de um grupo de 20 participantes, com recurso ao protocolo *Trier Social Stress Test* (TSST) e comparar o seu desempenho com o desempenho de um grupo de 20 sujeitos controlo numa tarefa de julgamento moral. Ainda que não tenha existido um efeito significativo do stresse na proporção de respostas utilitárias, foi observada uma associação positiva entre os níveis de cortisol e as respostas utilitárias nos dilemas morais pessoais (Starcke et al., 2011).

Com o mesmo objetivo, Youssef e colaboradores (2012) avaliaram 65 sujeitos, dos quais 32 foram também submetidos a uma condição experimental de indução de stresse, foi utilizado o mesmo protocolo experimental que no estudo supramencionado (TSST). Os principais resultados indicaram que o grupo experimental atribuiu significativamente menos respostas utilitárias em comparação com o grupo de controlo, quando confrontados com os dilemas morais pessoais. Neste contexto, a indução do stresse parece predispor os participantes para respostas menos utilitárias, ou seja, perante variações emocionais (stresse) as pessoas tendem a decidir mais emocionalmente (Youssef et al., 2012).

Seguindo esta lógica, mais recentemente Starcke, Ludwig e Brand (2012) utilizaram uma nova metodologia para a avaliação do efeito do stresse no julgamento moral. A necessidade de alterar a metodologia surge face à inconsistência dos estudos anteriores, o procedimento experimental foi otimizado com o intuito de se perceber os resultados dos estudos precedentes. Neste contexto, os autores compararam dois grupos de 25 participantes cada, numa tarefa de julgamento moral. Para a indução de stresse utilizaram uma *cover-story* e o subteste de Raciocínio Lógico da prova de inteligência LPS-4, e como avaliação de stresse também foram utilizadas diferentes medidas (frequência cardíaca). Os principais resultados deste estudo revelaram que os participantes do grupo experimental (sob stresse) deram menos respostas utilitárias e

necessitaram de mais tempo para tomar uma decisão (Starcke et al., 2012). Estes resultados vão ao encontro dos resultados encontrados por Youssef e colaboradores (2012), onde se pode sugerir que sujeitos sobre efeito de stresse parecem atribuir respostas mais automáticas e emocionais (não-utilitárias) na categoria de dilemas morais.

Ainda que possamos sugerir a influência no stresse na tomada de decisão moral os resultados dos estudos supramencionados não são consistentes. De acordo com Starcke and Brand (2012), existem alguns fatores que poderam estar na base desta dissemelhança de resultados como, por exemplo, metodológicos, ambientais e interindividuais (Starcke & Brand, 2012).

De acordo com Kudielka, Hellhammer e Wüst (2009), existem diferentes características individuais como fatores fisiológicos, experiências de vida, estados de stresse crónico, intervenções psicológicas, personalidade e psicopatologia que podem influenciar as respostas individuais ao stresse. Neste contexto, diferentes tipos de personalidade podem reagir de forma diversa ao stresse e apresentarem diferentes variações emocionais face ao mesmo tipo de estímulo. Na realidade, tem sido descrito por muitos autores que a personalidade pode influir na nossa capacidade de processar emoções, regular a ansiedade e responder às mais diversas exigências morais e sociais (Kudielka, Hellhammer & Wüst 2009).

Neste contexto, Starcke e Brand (2012) publicaram uma revisão sistemática onde foi sugerida a personalidade como uma variável moderadora da relação entre o stresse e a decisão moral. Neste contexto, fatores como aspetos demográficos, constituição fisiológica, estado emocional, ou a personalidade (como por exemplo, estilos cognitivos, estilos de *coping*, ou cognição social), funcionam como moderadores do efeito do stresse na decisão moral. Este ciclo variará também de indivíduo para indivíduo tanto quanto a tomada de decisão, por si só, poderá ser fator de stresse (Starcke & Brand, 2012).

Face à literatura estudada, não encontramos nenhum estudo que tivesse testado esta moderação da personalidade na relação entre o stresse e o julgamento moral. Contudo, analisamos alguns estudos cujo objetivo principal era perceber de que forma sujeitos com diferentes tipos de personalidade patológica ou normal respondiam a dilemas morais, ainda que sem manipulação experimental do stresse e consequentemente das emoções. Assim, alguns autores que avaliaram grupos subclínicos (traços patológicos de personalidade) encontraram uma inadequação de

respostas destes sujeitos face a determinados dilemas morais. Por exemplo, a presença de traços de personalidade patológica como o narcisismo, maquiavelismo e psicopatia, conhecidos como a Tríade Negra da Personalidade (*Dark Triad*) têm sido associados a altos níveis de utilitarismo quando comparados com outros grupos de personalidade (Djeriouat & Trémolière, 2014). No mesmo sentido, outros autores verificaram que sujeitos com traços de maquiavelismo e psicopatia se associavam a atitudes mais insensíveis e mais propensos ao utilitarismo quando confrontados com dilemas morais (Bartels & Pizarro, 2011). De acordo com estes autores as personalidades patológicas decidem de forma predominantemente cognitiva por apresentarem alterações no processamento de emoções.

O estudo das personalidades patológicas motivou o estudo da influência dos traços de personalidade saudáveis no julgamento moral. Na sua grande maioria os estudos sobre personalidade e julgamento moral têm utilizado o modelo dos cinco fatores - *Big Five* (Lima & Simões 2000; Costa & McCrae, 2000) para subdividir os sujeitos quanto aos seus domínios de personalidade, de referir: O Neuroticismo, a Extroversão, a Abertura à Experiência, a Amabilidade e a Conscienciosidade.

Um dos primeiros estudos dedicados à influência destes domínios de personalidade no julgamento moral foi conduzido por Stojilkovic (1996). As variáveis em estudo foram a capacidade cognitiva, a personalidade e o julgamento moral. Foram avaliados 506 participantes, distribuídos de acordo com a sua personalidade através do teste de Eysenk, numa tarefa de julgamento moral e numa prova de empatia. Os principais resultados sugerem a existência de uma forte relação entre as características de personalidade e o julgamento moral. Foi sugerido ainda que sujeitos com traços dominantes de extroversão e neuroticismo parecem revelar maiores capacidades empáticas que os sujeitos pertencentes aos restantes domínios, o que parece estar inerente a um julgamento moral mais normativo, ou seja, menos utilitário e mais empático. Segundo a autora, a capacidade empática, é mais facilmente alcançada por pessoas com traços dominantes de extroversão, que por norma recorrem mais a outras pessoas e acatam mais facilmente as normas sociais (Stojilkovic, 1998). Por outro lado também foi verificada uma associação positiva entre o julgamento moral adequado e as capacidades intelectuais dos sujeitos. No entanto, a intensidade da associação entre juízo moral e capacidade cognitiva não foi elevada, o que indica que o desenvolvimento cognitivo é uma condição necessária mas não suficiente para o desenvolvimento moral.

Num outro estudo conduzido por Athota, O'Connor e Jackson (2009), também foi proposto avaliar a relação entre a cognição social, o julgamento moral e a personalidade. Para o efeito, os autores avaliaram 131 indivíduos numa tarefa de julgamento moral que tinham previamente sido caracterizados com os seguintes instrumentos: *o International Personality Item Pool*; *o Self-Report Emotional Intelligence Test*; e *o Machiavellian IV Scale*. Os principais resultados sugerem que a cognição social funciona como um preditor do raciocínio moral, que resulta num raciocínio moral mais adequado, utilizando como moderadora a personalidade. Os autores sugerem que alguns domínios de personalidade como, o Neuroticismo, a Abertura à Experiência e a Amabilidade, parecem estar relacionados positivamente ao raciocínio moral. Ou seja, sujeitos com estas características mostram um raciocínio moral mais adequado, tendo em conta que apresentam maiores níveis de empatia e respeito pelos demais (Athota, Peter, & Jackson, 2009).

Pelo contrário num estudo longitudinal recente conduzido por Bollich, Hill, Harms, e Jackson (2016), foram avaliados 197 estudantes universitários numa tarefa de julgamento moral (16 dilemas morais), com traços de personalidade de Amabilidade e Conscienciosidade. Segundo os autores, indivíduos conscienciosos são mais propensos a aderir às regras sociais do que ajudar outrem, devido às suas motivações para aderir a obrigações morais. Por outro lado indivíduos mais amáveis podem ser mais orientados a ajudar outrem que a cumprir normas sociais, devido à sua natureza simpática e à tendência para manter relações positivas com os pares. Tendo em conta estas características seria de esperar que estes domínios de personalidade influenciassem as decisões morais, no entanto, não foi encontrada uma associação entre Amabilidade/Conscienciosidade e o processo de decisão moral. Os autores sugerem que os processos de tomada de decisão moral e traços de personalidade não se associam. Como tal, propõem considerar os dois tipos de variáveis separadamente, e estender o trabalho a outras diferenças individuais que podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento de tomada de decisão moral (Bollich, Hill, Harms, & Jackson, 2016).

Em suma, os estudos analisados não mostram resultados congruentes no que concerne à influência da personalidade no julgamento moral, acresce-se o facto de não termos encontrado nenhum estudo onde se tivesse manipulado as variações emocionais dos sujeitos através da indução de stresse. Os estudos que se dedicam à cognição social, sugerem a existência de dissemelhanças entre sujeitos com traços diferentes de

personalidade no que se refere ao processamento de emoções, fazendo prever que estes sujeitos podem ser mais ou menos propensos às variações emocionais e consequentemente decidirem moralmente de forma desigual.

Perante este racional teórico, temos como objetivo principal perceber se o stresse tem influência no julgamento moral e se a personalidade modera esta relação.

Para o efeito, pretendemos avaliar de que forma um grupo de sujeitos, caracterizados de acordo com o modelo dos cinco fatores (*Big Five*) respondem a uma tarefa de julgamento moral, distribuídos por duas condições grupo stresse (GS) vs. grupo controlo) (GC) Assim, esperamos que: 1) os participantes expostos ao stresse atribuam menos respostas utilitárias 2) os participantes da condição de stresse demorem mais tempo a responder aos dilemas morais, sobretudo nos dilemas morais pessoais, que os participantes não expostos a stresse; e, por último que 3) existam diferenças na atribuição de respostas utilitárias entre os domínios de personalidade na situação experimental e uma atribuição semelhante na situação de controlo.

2. Método

2.1. Participantes

Foram avaliados 51 sujeitos cuja língua materna era o português, com idades compreendidas entre os 18 e 35 anos (Midade = 21.04 ± 3.88 ; 10 masculinos) e com uma escolaridade igual ao superior ao 12º ano (Mescolaridade = 13.73 ± 1.56). Cada participante integrou um dos três grupos, de personalidade normal, previamente determinado através do *NEO Five-Factor Inventory* (NEO-FFI; Lima & Simões 2000; Costa & McCrae, 2000). (1) Neuroticismo (N = 11; Midade 19.27 ± 1.42 ; Mescolaridade 13.36 ± 1.50) (2) Amabilidade (N=17; Midade 21.29 ± 4.75 ; Mescolaridade 13.41 ± 1.33); e Conscienciosidade (N = 23; Midade 21.70 ± 3.84 ; Mescolaridade 14.13 ± 1.71).

Posteriormente, os participantes de cada um dos grupos foram, de forma aleatória, distribuídos por duas condições: grupo de stresse (GS = 25); Grupo de Controlo (GC = 26). Aos participantes do grupo experimental era administrada uma tarefa de indução de stresse. Os grupos possuíam uma distribuição equitativa entre sexos ($X^2(1) = .41, p = .53$) e não apresentavam dissemelhanças quanto à escolaridade (GE: M = 13.52 ± 1.42 ; GC: M = 13.92 ± 1.70 ; $t(49) = -.92, p = .36$), bem como quanto

à idade (GE: $M = 20.36 \pm 2.29$; GC: $M = 21.69 \pm 4.91$; $t(49) = -1.23$, $p = .22$). A amostra foi recolhida, por conveniência, na Universidade do Algarve e constituíram critérios de exclusão doença neurológica ou psiquiátrica prévia, doença crónica ou aguda, fobia social ou stresse crónico, determinados por uma ficha de informação sociodemográfica. Foram selecionados apenas os sujeitos que apresentavam uma ponderação base superior a 36 num dos domínios de personalidade do NEO-FFI, portanto o ponto de corte foi feito aos 25% mais altos de cada domínio, valor que representa a presença de traços dominantes de personalidade. Todos os participantes receberam um certificado pela sua participação.

2.2. Instrumentos

Para avaliar os traços de personalidade foi utilizado a adaptação para a população portuguesa do *NEO Five-Factor Inventory* (NEO-FFI; Lima & Simões 2000; Costa & McCrae, 1998). O inventário dos cinco fatores de personalidade corresponde a uma versão abreviada do NEO-PI-R e trata-se de uma medida rápida, fiável e válida para a obtenção de traços relativos aos cinco domínios da personalidade do adulto, de referir: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência Amabilidade e Conscienciosidade. Estes domínios, de acordo com a literatura, não são agrupados em categorias isoladas mas são analisados enquanto *continuum* interdomínios, existentes em diferentes intensidades em cada sujeito. Deste modo, a nossa personalidade caracteriza-se por uma presença mais ou menos forte de cada um deles (Lima & Simões, 2000).

De acordo com Costa e McCrae (2000) o predomínio de cada um dos traços pode remeter para sujeitos com características diferentes. Neste sentido, indivíduos com características predominantemente Neuróticas tendem a ser muito preocupados, ansiosos, emocionalmente inseguros, com sentimentos de desvalorização, com ideias irrealistas, e respostas de *coping* desadequadas. Os sujeitos com predomínio de traços de Extroversão são, normalmente, empáticos, assertivos, ativos e que procuram excitação e emoções positivas. Pessoas com predomínio de traços de Abertura à Experiência procuram, de forma proativa, novas experiências, são normalmente, curiosas, criativas e pouco convencionais. A prevalência de traços de Amabilidade sugere sujeitos mais altruístas, benevolentes, confiáveis e prestáveis. Por último,

sujeitos com traços dominantes de Conscienciosidade são por norma confiáveis, escrupulosos, autodisciplinados e ambiciosos Costa & McCrae, 2000).

Trata-se de um instrumento de autopreenchimento, constituído por 60 itens onde se solicita ao sujeito que assinale o grau de concordância com cada afirmação, numa escala ordinal de cinco alternativas que variam entre 0 “discordo fortemente” a 4 “concordo fortemente”. As pontuações correspondentes a cada domínio da personalidade variam entre 0 (mínimo) e 48 (máximo). A versão portuguesa deste inventário revelou uma boa consistência interna, apresentando as diferentes subescalas valores de *alpha* de Cronbach entre .71 e .81.

Com o propósito de medir o nível de stresse induzido, foram utilizadas medidas fisiológicas e comportamentais. A frequência cardíaca dos participantes foi medida em batimentos por minuto (bpm), através de um aparelho eletrónico (relógio *Cardio ONrhythm 50 HW Geonaute*) que foi colocado em todos os participantes desde o início até ao final do procedimento. O registo da frequência cardíaca foi feito em dois momentos distintos: 1º momento (antes da indução, durante a resposta aos questionários) e no 3º momento (após a indução de stresse, durante a tarefa experimental).

Para avaliar os níveis de ansiedade foi utilizado o Inventário de Estado-Traço de Ansiedade (STAI-Y) (Spielberger, Gorsush, Lushene, Vagg, & Jacobs, 1977; Silva, 2003). Este instrumento é de auto-resposta e está dividido em duas subescalas de 20 itens: subescala de ansiedade-estado (condição transitória caracterizada por tensão, apreensão e hiperatividade do sistema nervoso autónomo) e subescala de ansiedade-traço (tendência que o ser humano tem em responder com ansiedade aos estímulos externos). A pontuação mínima de cada subescala é de 20 (ansiedade mínima) e a máxima é de 80 (ansiedade máxima). No nosso estudo, apenas se teve em conta a subescala associada à ansiedade-estado.

Considerando a influência que o estado emocional pode ter no julgamento moral, foi utilizada a Escala de Afeto Positivo e Negativo – PANAS (Galinha & Ribeiro, 2005; Watson, Clark & Tellegen, 1988). Constituída por 20 itens que descrevem a forma como o sujeito se sente no momento, dez referem-se ao afeto positivo (e.g. interessado”, “entusiasmado”) e os restantes dez referem-se aos afetos negativos (e.g. “perturbado”, “envergonhado”). Os itens deverão ser avaliados numa escala ordinal de cinco níveis, na qual 1 corresponde a “muito pouco ou nada” e o 5

corresponde a “extremamente”. As pontuações correspondentes aos afetos positivos como negativos variam entre 10 (mínimo) a 50 (máximo).

Foi também utilizado o Índice de Reatividade Pessoal – IRI (Davis, 1983; Limpo, Alves, & Catro, 2010). Trata-se de uma escala multidimensional da empatia constituída por 24 itens (avaliados numa escala ordinal de 0 a 4 pontos, na qual o 0 corresponde a “não me descreve muito bem” e o 4 “descreve-me muito bem”), organizados em quatro subescalas: Tomadas de Perspetiva, Preocupação Empática, Desconforto Pessoal e Fantasia. O resultado final obtém-se através da média da pontuação dos itens, sendo que quanto mais altos os valores, mais empático é o sujeito.

Por último, foi aplicada uma entrevista semiestruturada aos participantes do GS, com o objetivo de perceber o que estes sentiram (medida afetiva, emocional) e pensaram (medida perceptiva, cognitiva) em relação à situação de indução de stresse. Esta entrevista foi constituída por duas questões abertas: 1) “Como se sentiu quando lhe foi pedido que elaborasse um discurso acerca das suas capacidades cognitivas perante especialistas em Psicologia?” e 2) “O que pensou quando lhe foi pedido que elaborasse o mesmo discurso?” e pela descrição da intensidade de seis emoções básicas (e.g. “alegria”, “medo”) e 10 emoções sociais (e.g. “vergonha”, “inutilidade”) experimentadas pelos participantes do GS, recorrendo a uma escala ordinal de sete níveis (de 1: “nada” a 7: “extremamente”).

2.3. Procedimento Experimental

2.3.1. Instrumentos para indução de stresse e condição controlo

Para a indução de stresse recorremos a uma “*cover story*”, onde foi pedido a cada participante do grupo experimental que preparasse mentalmente um discurso acerca do tópico: “Como avalio as minhas capacidades cognitivas?”. Foi dito aos participantes que este discurso deveria ser apresentado a dois peritos da área de psicologia, sendo essa prestação registada em vídeo com recurso a uma câmara de filmar disponível no laboratório onde decorria a experiência. Em seguida, foi pedido a cada sujeito que realizasse um teste de inteligência para confirmar as capacidades cognitivas relatadas. Terminados os dois minutos disponibilizados para preparação do discurso e antes da suposta gravação foi administrado a prova de inteligência, por nós

designado “Instrumento R”, e constituído por itens semelhantes aos das Matrizes de Raven mas, construídos de forma a ser impossível a sua resolução. Cada participante dispunha de apenas três minutos para a sua realização. Após a prova falsificada, era realizada a tarefa de julgamento moral e só depois o sujeito era informado do seu insucesso na prova de inteligência e que por isso já não realizaria o discurso nem a gravação, uma vez que realizar a prova com sucesso seria uma condição fundamental para efetuar o discurso. Aos participantes da condição de controlo não era induzido stresse, apenas lhes era pedido que, durante dois minutos, pensassem num dia das suas últimas férias que tenha sido agradável, antes da realização da tarefa de julgamento moral.

2.3.2. Tarefa de Julgamento Moral

Os dilemas utilizados nesta tarefa foram originalmente construídos por Greene e colaboradores (2004) e adaptados para a língua portuguesa por Martins e Reis (2007). Nesta tarefa foram apresentados 26 dilemas, que se distribuía por três categorias: Não Morais, cuja resposta requer uma participação emocional reduzida (e.g. escolher entre ir de autocarro ou de comboio para chegar a tempo ao destino); Morais Impessoais, com uma intensidade emocional baixa, na qual o sujeito, apesar de prejudicar uma das partes envolvidas, não tem que exercer uma ação diretamente para a resolução do dilema, acarreta uma ação de carácter mais diretivo e remota relativamente a outrem (e.g. carregar num botão para desviar o curso do comboio de modo a não atingir cinco pessoas, embora o faça atingir uma outra pessoa, ou meramente violar determinadas regras como mentir); Morais Pessoais, com uma elevada intensidade emocional, na qual o participante é induzido a exercer uma ação direta para a resolução do dilema, prejudicando efetivamente uma das partes envolvidas. Pressupõe uma injúria direta e íntima a outrem, implicando dano físico (e.g. magoar alguém, empurrando-o de uma ponte, para salvar outras cinco pessoas) (Greene & Haidt, 2002; Martins, Faísca, Esteves, Muresan, & Reis, 2012). Foram apresentados seis dilemas não morais, oito morais impessoais e doze morais pessoais.

Para a apresentação dos dilemas, registo de respostas e do tempo de resposta foi utilizado o *Software Presentation* (versão 0.7) (<http://nbs.neurobs.com/presentation>). Cada dilema dispõe de um alternativa utilitária (reposta “sim”) e uma não-utilitária (reposta “não”). No início de cada apresentação surgia no ecrã uma cruz (+) durante

500ms, seguida da apresentação do texto sem tempo limite. Após a leitura do mesmo, os participantes pressionavam uma tecla, inicialmente identificada, para avançar, surgindo então no ecrã a questão sobre o dilema apresentado, perante o qual o participante deveria responder sim ou não carregando numa tecla identificada com a palavra correspondente; os participantes tinham no máximo 25 segundos para responder à questão final de cada dilema. Os dilemas foram apresentados a cada um dos participantes em três ordens distintas, de modo a evitar efeitos de ordem que condicionassem uma tendência de resposta.

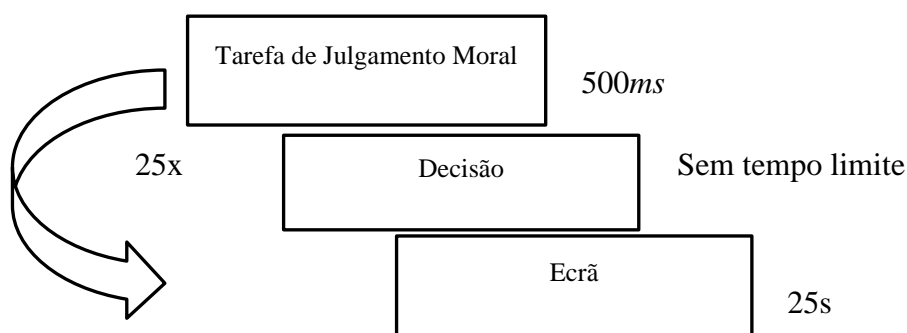


Figura 2. 1. Representação esquemática da ordem de apresentação dos dilemas apresentados a cada participante.

2.4. Recolha de dados

A proposta de estudo foi inicialmente aprovada pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade do Algarve). Depois do projeto aprovado iniciamos a investigação que decorreu em duas fases distintas. A primeira abordagem aos participantes foi feita em contexto de sala de aula ou noutros locais de estudo da Universidade do Algarve. Foi pedido aos participantes que lessem e assinassem um consentimento informado, onde estava descrito o objetivo do estudo e a salvaguarda dos aspetos relacionados com o anonimato e a confidencialidade. Posteriormente foi pedido que preenchessem o NEO-FFI. Foram recolhidos 191 inventários nesta primeira fase. Foram apenas selecionados e, posteriormente contactados, os participantes que obtiveram pontuações elevadas (caraterísticas dominantes) nos domínios de personalidade em estudo. Nesta segunda fase os participantes foram convidados a participar na experiência que decorreu no laboratório de psicologia da Universidade do Algarve. Os participantes foram distribuídos de forma

equitativa quanto à idade, sexo e domínio de personalidade pelas duas condições (stresse *vs.* controlo). Todos os participantes foram inicialmente informados sobre a necessidade e objetivo da monitorização da sua frequência cardíaca durante todo o procedimento. Após esta explicação inicial o procedimento experimental foi administrado conforme se pode observar na Figura 1. No final foi realizado um *debriefing* e todos os participantes receberam um certificado de participação. A duração da experiência total, com cada participante, teve uma duração aproximada de 50 minutos.

| 1º Momento | 2º Momento | 3º Momento | 4º Momento |
|--------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| Consentimento Informado | | | |
| - | | | |
| Ficha de Informação Sociodemográfica | <i>Cover-story</i> | Tarefa de Julgamento Moral | STAI-Y (2º) |
| - | - | - | - |
| IRI | Prova de Inteligência falsificada | - | Entrevista-semiestruturada |
| - | | 2ª Medição Frequência Cardíaca | - |
| STAI-Y (1º) | | | <i>Debriefing</i> |
| - | | | |
| PANAS | | | |
| - | | | |
| 1ª Medição Frequência Cardíaca | | | |
| 15 Minutos | 5 Minutos | 20 Minutos | 10 Minutos |

Figura 2.2. Procedimento do GS.

3. Resultados

3.1. Indução de stresse: Verificação da manipulação experimental

Para a análise do efeito da indução de stresse recorreremos a uma *ANOVA* com medidas repetidas, considerando como fator intrasujeito o *Momento da medição* (Fase inicial *vs.* Fase de indução), como fator intersujeito o *Grupo* (GC *vs.* GS); e como variáveis dependentes as duas medidas de ansiedade: a medida fisiológica (frequência cardíaca) e a medida de auto-resposta (ansiedade-estado).

Relativamente à frequência cardíaca, podemos observar a existência de efeitos significativos do momento de medição e do grupo. Foi igualmente observada uma interação significativa de forte magnitude entre o *momento de medição* e o *grupo* [$F(1, 49) = 70.51, p \leq .001, \eta_p^2 = .59$] resultado proveniente dos níveis de frequência cardíaca dos dois grupos serem semelhantes no momento inicial (GC = 86.35 ± 9.74 *vs.* GS =

84.32 ± 10.61) mas apresentando o GS uma frequência cardíaca média bastante mais elevada do que a do GC depois da indução de stresse (GC = 75.58 ± 7.12 vs. GS = 104.52 ± 24.48) (Tabela 3.1; Figura 3.1).

De acordo com os indicadores de ansiedade-estado, observa-se apenas um efeito significativo do momento [$F(1,49) = 5.09, p = .03, \eta_p^2 = .09$], indicando que a manipulação experimental teve um efeito moderado nos níveis de ansiedade-estado: os dois grupos relatam níveis de ansiedade-estado semelhantes antes da indução de stresse (GC = 33.58 ± 8.15 vs. GS = 34.80 ± 9.90) contudo, no momento pós-indução o nível de ansiedade do GE aumenta (GC = 34.42 ± 10.63 vs. GS = 38.56 ± 11.01) (Tabela 3.1; Figura 3.2).

Tabela 3.1. Efeito da manipulação experimental nos níveis de Stresse (indicador fisiológico e comportamental)

| Indicador de stresse | <i>F</i> | <i>Df</i> | <i>MSE</i> | <i>p</i> | η_p^2 |
|----------------------|----------|-----------|------------|-------------|------------|
| Frequência cardíaca | | | | | |
| Momento | 6.54 | 1 | 566,77 | .01 | .12 |
| Grupo | 13.73 | 1 | 4617.04 | .001 | .22 |
| Momento x Grupo | 70.51 | 1 | 6111.87 | .001 | .59 |
| Ansiedade-estado | | | | | |
| Momento | 5.09 | 1 | 135.20 | .03 | .09 |
| Grupo | 1.06 | 1 | 183.08 | .31 | .02 |
| Momento x Grupo | 2.04 | 1 | 54.11 | .16 | .04 |

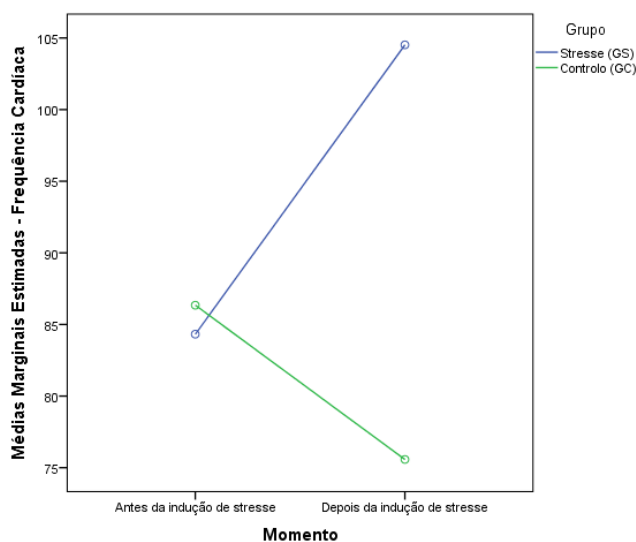


Figura 3.2. Ansiedade Estado antes e após a indução de stresse para cada grupo (GS vs GC).

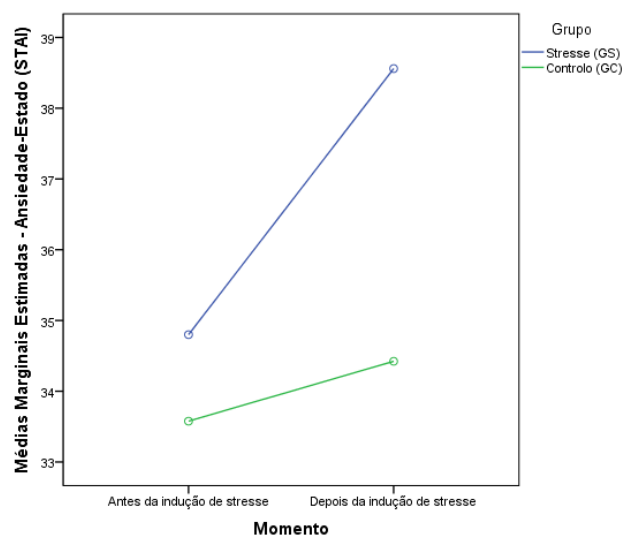


Figura 3.1. Frequência cardíaca antes e após a indução de stresse para cada grupo (GS vs. GC).

3.1.1. Entrevista semiestruturada para avaliação dos pensamentos e emoções

A entrevista semiestruturada teve como objetivo avaliar o tipo de pensamentos e emoções relatados pelos participantes do GS, aquando da aplicação da *cover-story*. Quanto às questões abertas, a grande maioria dos participantes (81.48%) relatou ter-se sentido ansioso/nervoso por terem de realizar o discurso. Relativamente aos pensamentos ocorridos, os participantes referiram ter pensado em como deveriam estruturar o discurso (44.44%) e que os peritos poderiam desvalorizar as suas capacidades cognitivas (44.44%). No que diz respeito à avaliação das emoções básicas e sociais experienciadas pelos participantes, observámos que 75.14% dos participantes referiram ter experienciado a emoção surpresa e 61.60% a vergonha. As emoções, apresentadas numa escala *Likert* de 1 a 7, foram convertidas em percentagem através do cálculo da média de cada emoção apresentada. Considerando estes resultados podemos inferir que a indução de stresse foi bem sucedida, sobretudo no que se refere aos marcadores fisiológicos e à entrevista semiestruturada.

3.2. Efeito do stresse e dos domínios do *NEO-FFI* nos julgamentos utilitários

Para analisar o efeito do stresse nas respostas dadas aos dois tipos de dilemas morais realizou-se uma *ANOVA* com medidas repetidas tendo sido considerado como fator intrasujeito o fator *dilema* (impessoais vs. pessoais); como fator intersujeito o *Grupo* (GC vs. GS) e a *personalidade* (neuroticismo, amabilidade e conscienciosidade); como variável dependente foi considerada a percentagem de julgamentos utilitários (sim %) aos dilemas morais (Tabela 3.2; Figura 3.3).

Verifica-se um efeito significativo de elevada magnitude do fator dilema [$F(1, 45) = 78.44, p \leq .001, \eta p^2 = .64$], resultante dos participantes realizarem mais julgamentos utilitários perante dilemas morais impessoais do que perante dilemas (49.96 ± 17.34) morais pessoais (23.87 ± 16.22).

Embora a indução de stresse não pareça ter afetado as diferenças entre grupos de personalidade manifestadas na percentagem de respostas utilitárias procedeu-se a uma análise descritiva destas respostas (Figura 3.3). Um dos resultados mais pertinentes diz respeito à diferente proporção de respostas utilitárias entre condições (stresse vs.

controle) observada no grupo neuroticismo (GS = 15 ± 9.13; GC = 34.09). Ao contrário dos outros dois grupos (Amabilidade: GS = 19.51 ± 14.36; GC = 21.30 ± 8.57; Conscienciosidade: GS = 23.48 ± 20.68; GC = 27.24 ± 14.77), cujas respostas aos dilemas não diferem entre condições experimentais, verificou-se uma diferença bastante acentuada na proporção de respostas utilitárias nos participantes pertencentes ao grupo neuroticismo entre condições.

Tabela 3.2. Percentagem de julgamentos utilitários nos dilemas morais pessoais e impessoais em função do grupo (controle vs. experimental) e do traço de personalidade (maquiavélico, narcísico e saudável).

| Percentagem de julgamentos utilitários | <i>F</i> | <i>df</i> | <i>MSE</i> | <i>p</i> | η^2 |
|--|----------|-----------|-------------|----------|----------|
| Dilema 1 | 78.44 | 1 | 15813.26 | .001 | .64 |
| Grupo | 2.36 | 1 | 847.35 | .13 | .05 |
| Dilema x Grupo | .63 | 1 | 126.77 | .43 | .01 |
| Personalidade | .31 | 2 | 112.57 | .73 | .01 |
| Personalidade x Grupo | 1.18 | 2 | 423.68 | .31 | .05 |
| Personalidade x Dilema | .18 | 2 | 36.34 | .84 | .01 |
| Personalidade x Dilema x Grupo | 2.08 | 2 | 418.58 | .14 | .08 |
| Tempos de reação (resultado dos logs) | <i>F</i> | <i>df</i> | <i>MSE</i> | <i>p</i> | η^2 |
| Dilema 2 | 15.75 | 1 | 68134664.89 | .00 | .28 |
| Dilema x Grupo | 1.01 | 1 | 4381173.29 | .32 | .04 |
| Dilema x Personalidade | .84 | 2 | 3618802.83 | .44 | .05 |

1. % Respostas utilitárias aos dilemas morais pessoais e impessoais.

2. Tempo de reação das respostas utilitárias (dilemas morais pessoais e impessoais)

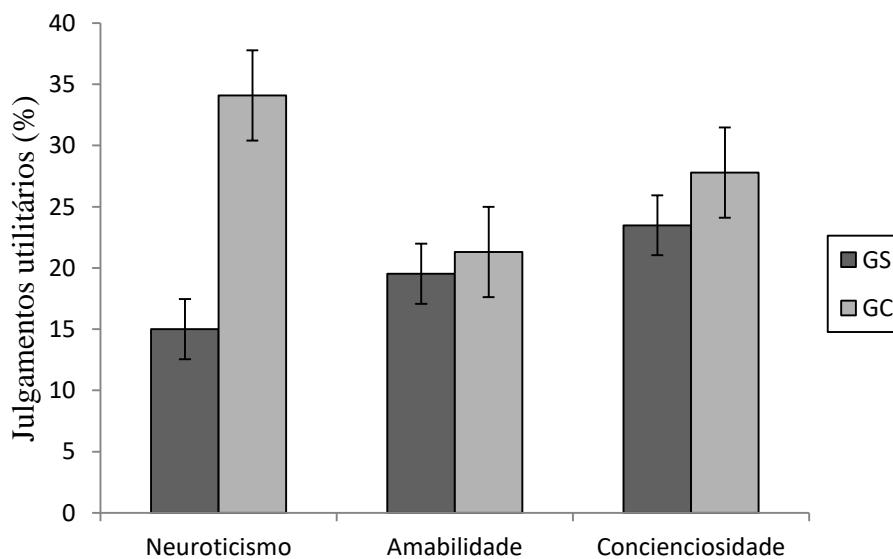


Figura 3.3 Percentagem de respostas utilitárias nos dilemas morais pessoais por grupo (controle vs experimental) e por traço de personalidade (média ± Erro-padrão).

Analisados os tempos de decisão representados em milissegundos (*ms*), apenas correspondentes às respostas utilitárias, podemos apenas observar um efeito significativo do fator dilema [$F(1, 41) = 15.75; p \leq .001; \eta p^2 = .22$]. Este efeito significa que os participantes necessitam de mais tempo para tomar decisões utilitárias nos dilemas morais pessoais ($7010.56 \text{ ms} \pm 3211.11$) comparativamente com os dilemas morais impessoais (5249.10 ± 2080.49) (Tabela 3.2).

A inclusão do instrumento de avaliação dos afetos positivos e negativos como covariável não influenciou os efeitos principais (momentos de indução de stresse), não se verificando covariabilidade significativa ($p > .05$).

3.3. Associação entre os traços de personalidade (NEO-FFI), o Julgamento Moral, a Empatia (IRI) e a resposta individual de stresse

Após a análise dos principais resultados obtidos foi realizada uma análise de correlação de *Pearson* entre as variáveis alvo de estudo e as variáveis de controlo exploradas (nível de empatia e frequência cardíaca), uma vez que estas se relacionam com os constructos em estudo e podem permitir uma melhor compreensão das relações encontradas.

Neste contexto, optámos por relacionar os traços do *NEO-FFI* com as respostas utilitárias aos julgamentos e o tempo de resposta (*ms*) correspondente aos mesmos. Foram ainda observadas as associações existentes entre a empatia (IRI) dos participantes, e com os níveis de stresse (Frequência Cardíaca), análise esta elaborada para a totalidade da amostra.

De acordo com as correlações calculadas para a amostra total, no que corresponde às associações entre domínios do *NEO-FFI* e *Julgamento Moral*, verifica-se uma associação negativa entre os *julgamentos morais pessoais* e a *amabilidade* ($r = -.28; p = .05$, indicando que quanto maior o predomínio do traço amabilidade menor tendência para responderem do forma fria e calculista (utilitariamente). Em relação à medida de empatia utilizada (IRI) podemos observar uma associação positiva com o Neuroticismo ($r = .40; p = .004$) e com o domínio Amabilidade ($r = .28; p = .04$) que indicam que a presença destes traços de personalidade sugerem maiores níveis de empatia. A resposta utilitária a dilemas morais impessoais relaciona-se negativamente com o IRI ($r = -.32; p = .02$), o que significa que a resposta afirmativa a estes dilemas se associa a participantes com menores características empáticas.

A Frequência Cardíaca associa-se positivamente a traço de Neuroticismo ($r = .31$; $p = .03$), o que revela que quanto maior for a presença deste traço de personalidade, os participantes tendem a ter a frequência cardíaca mais elevada, esta resposta fisiológica pode estar relacionada com a instabilidade emocional associada a este domínio de personalidade.

Tabela 3.3. Correlações entre os domínios de personalidade, Julgamentos Morais. Tempos de resposta, IRI e Frequência Cardíaca.

| | 6. | 7. | 8. | 9. | 10. | 11. |
|---------------------------|------|--------------|------|------|---------------|-------------|
| 1. Neuroticismo | -.08 | -.01 | -.11 | -.22 | .004** | .03* |
| 2. Extroversão | -.17 | -.08 | -.05 | -.22 | -.10 | .01 |
| 3. Abertura à Experiencia | .08 | .04 | -.06 | -.05 | .19 | -.05 |
| 4. Amabilidade | -.22 | -.28* | -.01 | .03 | .28* | -.05 |
| 5. Conscienciosidade | -.18 | -.08 | .09 | .25 | -.25 | -.07 |
| 6. JUMI | 1 | .29* | -.03 | -- | -.32* | -.17 |
| 7. JUMP | | 1 | -- | -.11 | -.22 | -.22 |
| 8. Tempo reação JUMI | | | 1 | -- | .02 | .10 |
| 9. Tempo reação JUMP | | | | 1 | .26 | .01 |
| 10. IRI | | | | | 1 | .16 |
| 11. Frequência Cardíaca | | | | | | 1 |

Nota. Os tempos de reação correspondem à resposta utilitária (sim); * $p \leq .05$. $p \leq .01$; Julgamentos Utilitários Morais Impessoais (JUMI); Julgamentos Utilitários Morais Pessoais (JUMP).

4. Discussão

Este estudo teve como principal objetivo avaliar de que forma as variações emocionais, induzidas pelo stresse, num grupo de participantes da população geral poderiam influir na capacidade de julgar dilemas morais. Pretendemos também perceber se a personalidade, nomeadamente os domínios de personalidade pertencentes ao modelo dos cinco fatores (neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade), tinha um papel moderador desta relação. A ideia central deste estudo era responder a uma necessidade encontrada na literatura sobre o papel da personalidade normal na relação entre o stresse e o julgamento moral. Considerando que face à literatura encontrada, os estudos incidem na relação da personalidade, normal ou patológica, perante a decisão moral, sem manipulação experimental do stresse, ou seja, sem variabilidade emocional.

Neste contexto, foi criado um ambiente indutor de stresse, com recurso a uma *cover-story*. Os dados da manipulação experimental sugerem que a indução de stresse foi bem-sucedida quer do ponto de vista da resposta fisiológica quer do ponto de vista dos indicadores da medida de autorrelato comportamental, com o grupo experimental a apresentar valores significativamente superiores face ao grupo de sujeitos da condição controlo.

Relativamente aos principais resultados obtidos na tarefa de julgamento moral observámos, considerando a amostra no seu conjunto, diferenças de decisão entre a categoria de dilemas morais pessoais e morais impessoais. Perante dilemas morais pessoais os participantes atribuem menos repostas utilitárias, resultados estes, obtidos também por Starcke e colaboradores (2012).

Quanto aos tempos de resposta utilitária aos dilemas morais observamos que os participantes despendem mais tempo a responder aos dilemas morais pessoais do que aos restantes tipos de dilema, isto pode sugerir a existência de um maior conflito sentido na atribuição de uma resposta afirmativa (utilitária). Contudo e tal como observado por Youssef e colaboradores (2012) não foram encontradas diferenças nos tempos de resposta entre o GS e o GC. Estes resultados não apoiam o estudo de Starcke e colaboradores, neste estudo os participantes sob stresse despenderam mais tempo para tomar uma decisão utilitária perante dilemas morais (Starcke et al., 2012; Youssef et al., 2012). Esta divergência de resultados pode ser explicada pelo facto de o stresse ativar

preferencialmente processos emocionais conhecidos pela sua componente automática, processamento rápido, conduzindo o indivíduo a reagir mais rapidamente (Youssef et al., 2012).

Ainda que não tenhamos obtido resultados congruentes com os autores analisados no que se refere ao efeito do stresse no julgamento moral observamos que a personalidade parece moderar o efeito que o stresse tem na decisão moral, ou seja, no nosso estudo observamos que sujeitos com traços neuróticos, amáveis ou conscienciosos decidem moralmente de forma diferente perante situações de stresse. No geral, considerando os estudos prévios esperávamos que os indivíduos sob stresse atribuíssem respostas mais automáticas e emocionais, independentemente do traço de personalidade dominante (Starcke et al., 2012; Youssef et al., 2012). Neste contexto, observamos que os participantes com traço dominante de neuroticismo respondem mais utilitariamente em condição de controlo, portanto perante a indução de stresse respondem de forma menos utilitária. Estes indivíduos são mais vulneráveis ao stresse (Paul Costa & McCrae, 2008), e o stresse parece promover o comportamento de aproximação social (von Dawans, Fischbacher, Kirschbaum, Fehr, & Heinrichs, 2012). O facto de lidarem menos bem com o stresse pode explicar a diferença de respostas utilitárias encontrada entre o GS e GC, provocando a que em stresse optem por decidir mais emocionalmente.

De acordo com Lauriola e Levin (2001), os traços de personalidade como a conscienciosidade e a amabilidade remetem para sujeitos mais ponderados, organizados, amáveis e empáticos e dessa forma são mais cautelosos na tomada de decisão quando comparados com outros traços de personalidade, como é o caso do neuroticismo (Lauriola & Levin, 2001). Neste contexto, os domínios amabilidade e conscienciosidade revelaram respostas utilitárias semelhantes entre condições experimentais. Sugere-nos que o stresse não tem influência na decisão moral nestes domínios. Esta diferença pode estar relacionada ao facto dos sujeitos amáveis e conscienciosos lidarem com o stresse de forma mais adaptativa que os neuróticos (Lee-baggley, Preece, & DeLongis, 2005), e como tal, os neuróticos optam por responder de forma mais emocional. Este resultado é congruente com o estudo de Bollich e colaboradores (2016), uma vez que não encontraram relação entre estes domínios de personalidade e o julgamento moral.

Tal como referido na introdução deste trabalho, Starcke e Brand (2012) sugeriram a personalidade como uma variável moderadora da relação entre o stresse e a

decisão moral, portanto o mesmo stressor pode levar a diferentes reações de acordo com os traços de personalidade.

Relativamente à análise de correlações observamos que os julgamentos morais impessoais associam-se negativamente à empatia, o que demonstra quanto maior a capacidade em se colocar no papel do outro menos se consegue atribuir respostas utilitárias nos dilemas morais impessoais. Por outro lado, verifica-se a mesma tendência, nos julgamentos morais pessoais, no entanto não é estatisticamente significativa. Existem evidências na literatura que uma empatia reduzida pelas vítimas dos dilemas parece predispor a soluções mais utilitárias devido a uma tendência para experienciar emoções negativas face aos dilemas aversivos (Patil & Silani, 2014).

Verificamos que o domínio de personalidade amabilidade se relaciona negativamente com os dilemas morais pessoais. Vários autores sugerem que sujeitos com amabilidade são mais altruístas, benevolentes, confiáveis e prestáveis (Lima & Simões, 2000) o que é congruente com a escolha de resposta não utilitária, ou seja, a escolha considerada mais emocional. Por outro lado, quanto menos amáveis são os sujeitos, mais são considerados egocêntricos e manipuladores (Paul Costa & McCrae, 2008) o que se coaduna com um estilo de resposta utilitária, considerada uma resposta fria e calculista. A amabilidade aparece também positivamente associada à empatia, o que pode dever-se à aptidão dos sujeitos para se colocarem com relativa facilidade no papel do outro e fazerem uma identificação afetiva do outro tomando assim decisões mais emocionais e altruístas (Stojiljkovic, 1998).

Estes resultados parecem apoiar a ideia de que a capacidade empática é um dos fatores que mais influência o raciocínio e a decisão moral (Athota et al., 2009; Stojiljkovic, 1998). O Neuroticismo também está associado positivamente com a capacidade empática, sujeitos com este traço podem manifestar insegurança nas relações interpessoais (Costa, Costa, & Magalhães, 2012), a tendência de serem empáticos pode ser explicada pela necessidade de tornar as suas relações interpessoais mais estáveis. Este traço também se associa significativamente com a frequência cardíaca, o que é congruente com a literatura consultada, sugerindo que quanto maior a prevalência deste traço maior a dificuldade em lidar com o stress (Paul Costa & McCrae, 2008; Denburg, Weller, & Yamada, 2009).

Em suma, os nossos principais resultados sugerem a inexistência de um efeito do stress no julgamento moral. Este dado não vai ao encontro do que nós esperávamos, embora a tendência seja atribuição de respostas utilitárias seja maior no grupo de

controlo. Contudo, a inclusão da variável personalidade veio trazer resultados interessantes, observamos que os participantes com traços de personalidade idênticos parecem variar nas respostas aos dilemas morais quando se encontram sob stresse. Os neuróticos respondem mais utilitariamente sob a condição controlo, sendo que na condição de stresse são mais emocionais. Por outro lado, foi encontrada uma relação negativa entre a amabilidade e os dilemas morais pessoais.

Apesar de considerarmos que os resultados obtidos sejam interessantes no decurso desta investigação deparamo-nos com algumas limitações que aqui pretendemos apresentar. Em primeiro lugar, pensamos que o número de participantes por domínio de personalidade poderia ter sido maior, facto que nos permitia a realização de análises estatísticas mais robustas ou de conclusões mais generalizáveis.

A avaliação dos domínios de personalidade com recurso ao NEO-FFI, através de uma medida de auto-resposta, pode ter sido influenciada pela desejabilidade social dos participantes. Acresce-se o facto de ser uma medida que apenas nos fornece domínios e não facetas. Sabemos que a versão original poderia ter fornecido características de personalidade mais detalhadas. A utilização de outros instrumentos para avaliar personalidade como o (*Minnesota Multiphasic Personality Inventory*) MMPI, poderia ser importante para verificar a relação da personalidade no julgamento moral. A personalidade normal poderá não ser suficientemente sensível para detetar significativas no julgamento moral, a personalidade patológica pode ser uma moderadora mais forte nesta relação.

O procedimento experimental foi muito longo, sentimos fadiga fácil por parte dos participantes o que pode ter influenciado os resultados. Como propostas de trabalho futuro, seria interessante usar instrumentos que avaliassem a Teoria da Mente, tendo em conta que inerente à capacidade de pensar moralmente, está associada a aprendizagem e o contacto social, poderia ser relevante perceber que influencia a teoria da mente tem no julgamento moral. Starcke e Brand (2012), sugerem o aprofundamento do estudo da influência das variáveis mediadoras ou moderadoras, nomeadamente a personalidade, como a melhor forma de compreendermos o processo de julgamento moral.

Referências Bibliográficas

- Athota, V. S., Peter, J. O., & Jackson. (2009). The role of emotional intelligence and personality in moral reasoning. *School of Sciences*.
- Banich, M. T., Mackiewicz, K. L., Depue, B. E., Whitmer, A. J., Miller, G. A., & Heller, W. (2009). Cognitive control mechanisms, emotion and memory: A neural perspective with implications for psychopathology. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 33(5), 613-630. doi:10.1016/j.neubiorev.2008.09.010.
- Bartels, D. M., & Pizarro, D. A. (2011). The mismeasure of morals: Antisocial personality traits predict utilitarian responses to moral dilemmas. *Cognition*. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.05.010>.
- Beer, J. S., & Ochsner, K. N. (2006). Social cognition: A multi level analysis. *Brain Research*. <http://doi.org/10.1016/j.brainres.2006.01.002>.
- Bollich, K. L., Hill, P. L., Harms, P. D., & Jackson, J. J. (2016). When Friends ' and Society ' s Expectations Collide : A Longitudinal Study of Moral Decision-Making and Personality across College, 1–16. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0146716>.
- Conway, P., & Gawronski, B. (2013). Deontological and utilitarian inclinations in moral decision making: A process dissociation approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(2). <http://doi.org/10.1037/a0031021>.
- Costa, P., Costa, M., & Magalhães, E. (2012). Empathy of medical students and personality : Evidence from the Five-Factor Model, 1–6. <http://doi.org/10.3109/0142159X.2012.702248>.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (2008). *The Revised NEO-PI/NEO-FFI Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources. Davis, M. H. (1983). Measuring Individual Differences in Empathy : Evidence for a Multidimensional Approach, 44(1), 113–126.
- Dedeke, A. (2015). A Cognitive – Intuitionist Model of Moral Judgment, (123), 437–457. <http://doi.org/10.1007/s10551-013-1965-y>.
- Denburg, N. L., Ph, D., Weller, J. A., Ph, D., & Yamada, T. H. (2009). Poor Decision Making Among Older Adults Is Related to Elevated Levels of Neuroticism, 164–172. <http://doi.org/10.1007/s12160-009-9094-7>.
- Descioli, P. (2016). ScienceDirect The side-taking hypothesis for moral judgment. *Current Opinion in Psychology*, 7, 23–27. <http://doi.org/10.1016/j.copsy.2015.07.002>
- Djeriouat, H., & Trémolière, B. (2014). The Dark Triad of personality and utilitarian moral judgment: The mediating role of Honesty/Humility and Harm/Care. *Personality and Individual Differences*. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2013.12.026>.
- Elling, L., Steinberg, C., Bröckelmann, A.-K., Dobel, C., Bölte, J., & Junghofer, M. (2011). Acute stress alters auditory selective attention in humans independent of HPA: a study of evoked potentials. *PLoS ONE*, 6, e18009. DOI: 10.1371/journal.pone.0018009.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkel-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *GEN, Journal of Personality and Social Psychology*. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.50.5.992>.
- Galinha, I. C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): II – Estudo psicométrico (*), 2, 219–227.
- Greene, J., & Haidt, J. (2002). How-and-Where-Does-Moral-Judgment-Work, 6(12),

- Greene, Nystrom, L. E., Engell, A. D., Darley, J. M., & Cohen, J. D. (2004). The neural bases of cognitive conflict and control in moral judgment. *Neuron*. <http://doi.org/10.1016/j.neuron.2004.09.027>.
- Gubbins, E., & Byrne, R. M. J. (2014). Dual processes of emotion and reason in judgments about moral dilemmas. *Thinking & Reasoning*, 20(2), 245–268. <http://doi.org/10.1080/13546783.2013.877400>.
- Haidt, J. (2007). The new synthesis in moral psychology. *Science (New York, N.Y.)*, 316(5827), 998–1002. <http://doi.org/10.1126/science.1137651>.
- Koenigs, M., Kruepke, M., Zeier, J., & Newman, J. P. (2012). Utilitarian moral judgment in psychopathy. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*. <http://doi.org/10.1093/scan/nsr048>.
- Koenigs, M., Young, L., Adolphs, R., Tranel, D., Cushman, F., Hauser, M., & Damasio, A. (2007). Damage to the prefrontal cortex increases utilitarian moral judgements, 446(April). <http://doi.org/10.1038/nature05631>.
- Kudielka, B. M., Hellhammer, D. H., & Wüst, S. (2009). Why do we respond so differently? Reviewing determinants of human salivary cortisol responses to challenge. *Psychoneuroendocrinology*, 34, 2–18. doi:10.1016/j.psyneuen.2008.10.004.
- Lauriola, M., & Levin, I. P. (2001). Personality traits and risky decision-making in a controlled experimental task: An exploratory study. *Personality and Individual Differences*, 31(2), 215–226.
- Lee-baggley, D., Preece, M., & Delongis, A. (2005). Coping With Interpersonal Stress : Role of Big Five Traits. <http://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00345.x>.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores : Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico ? *Análise Psicológica*, 2, 171–179.
- Lima, M. P. & Simões, A. (2000). NEO-PI-R Manual Profissional (1ª ed.). Lisboa: CEGOC.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Catro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8(2), 171–184.
- Luethi, M., Meier, B., & Sandi, C. (2009). Stress effects on working memory, explicit memory, and implicit memory for neutral and emotional stimuli in healthy men *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, 3. doi:10.3389/neuro.08.005.2008.
- Martins, A. T., Faísca, L. M., Esteves, F., Muresan, A., & Reis, A. (2012). Atypical moral judgment following traumatic brain injury. *Judgment and Decision Making*, 7(4), 478–487.
- Patil, I., & Silani, G. (2014). Reduced empathic concern leads to utilitarian moral judgments in trait alexithymia, 5(May), 1–13. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00501>.
- Paxton, J. M., Bruni, T., & Greene, J. D. (2013). Are ‘ counter-intuitive ’ deontological judgments really counter-intuitive ? An empirical reply to Kahane et al . (2012), 2011–2014. <http://doi.org/10.1093/scan/nst102>.
- Schnall, S., Haidt, J., Clore, G. L., Jordan, A. H., Clore, G. L., & Jordan, A. H. (2008). Personality and Social Psychology Bulletin Disgust as Embodied Moral Judgment. <http://doi.org/10.1177/0146167208317771>.
- Starcke, K., & Brand, M. (2012). Review: Decision making under stress: A selective review. *GEN*. <http://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2012.02.003>.
- Starcke, K., Ludwig, A.-C., & Brand, M. (2012). Anticipatory stress interferes with utilitarian moral judgment. *Judgment and Decision Making*, 7(1), 61–68.

- Starcke, K., Polzer, C., Wolf, O. T., & Brand, M. (2011). Does stress alter everyday moral decision-making? *Psychoneuroendocrinology*, *36*(2), 210–219. <http://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2010.07.010>.
- Stojiljkovic, S. (1998). Personality Characteristics and Moral Judgement. *Facta Universitatis: Series Philosophy and Sociology*, *1*(5), 507–514. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/61603670?accountid=13828> http://find.shef.ac.uk/openurl/44SFD/44SFD_services_page?url_ver=Z39.882004&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&genre=article&sid=ProQ:ProQ:socabshell&atitle=Personality+Characteristics+a.
- von Dawans, B., Fischbacher, U., Kirschbaum, C., Fehr, E., & Heinrichs, M. (2012). The Social Dimension of Stress Reactivity: Acute Stress Increases Prosocial Behavior in Humans. *Psychological Science*, *23*(6), pp. 651–660. doi: 10.1177/0956797611431576.
- Watson, D., & Clark, L. A. (1988). Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect : The PANAS Scales, *54*(6), 1063–1070.
- Youssef, F. F., Dookeeram, K., Basdeo, V., Francis, E., Doman, M., Mamed, D., ... Legall, G. (2012). Stress alters personal moral decision making. *Psychoneuroendocrinology*, *37*(4), 491–498. <http://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2011.07.017>.
- Zalla, T., Barlassina, L., Buon, M., & Leboyer, M. (2011). Moral judgment in adults with autism spectrum disorders. *Cognition*, *121*, 115–126. <http://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.06.004>.

Anexos

Anexo A.

Dilemas Não-Morais

1. Colheita de Nabos

Você é um(a) agricultor(a) e conduz uma máquina de colher nabos. Está a aproximar-se de dois trajetos. Se optar pelo trajeto da esquerda colherá dez nabos. Se optar pelo trajeto da direita colherá vinte nabos. Se nada fizer a sua máquina voltará para a esquerda.

Para conseguir colher os vinte nabos em vez de dez optaria por voltar a sua máquina para a direita?

2. Bolachas

Decidiu fazer bolachas de chocolate para si. Abre o seu livro de receitas e encontra uma receita de bolachas de chocolate. Na receita diz para acrescentar nozes. No entanto, você não gosta de nozes mas gosta de amêndoas. Acontece que tem ambos os tipos de frutos secos disponíveis.

A fim de evitar comer as nozes optaria por substituí-las pelas amêndoas?

3. Exame

Um representante respeitável de uma organização nacional de sondagens telefona-lhe para casa enquanto está a jantar calmo e tranquilamente. O representante explica-lhe que se estiver disposto a despende 30 minutos do seu tempo para responder a algumas perguntas sobre os serviços prestados pela sua organização, enviar-lhe-á um cheque de 200€.

Para ganhar os 200€ optaria por interromper o seu jantar?

4. Tipo Genérico

Você está com dor de cabeça. Vai a uma farmácia com a intenção de comprar um medicamento de marca que costuma tomar. Quando chega farmácia, o farmacêutico diz-lhe que não tem o medicamento que pretendia. Contudo, o farmacêutico, em quem tem

muita confiança, diz-lhe que tem um medicamento genérico —exatamente igual ao produto que necessitava.

Optaria pela compra do genérico em vez de procurar pelo medicamento da marca que pretendia?

5. Rota

Um velho amigo convida-o a passar o fim-de-semana na sua casa de férias, situada a alguns quilómetros acima da costa onde mora. Pretende viajar até lá de carro mas existem dois caminhos pelos quais pode optar: pela autoestrada ou por uma estrada secundária pela costa. O caminho pela autoestrada levá-lo-á à casa do seu amigo em aproximadamente três horas, mas a paisagem é muito aborrecida. O caminho pela costa, demora cerca de três horas e quinze minutos e a paisagem é muito bonita.

Para observar a bonita paisagem optaria pela viagem pela costa?

6. Comboio ou Autocarro

Precisa de viajar de Lisboa ao Porto a fim de participar numa reunião que começa às 14h. Tem duas alternativas, ou viaja de comboio ou de autocarro. O comboio chega à hora da sua reunião, aconteça o que acontecer. Estima-se que o autocarro chegue uma hora antes da reunião, no entanto pode atrasar-se significativamente por causa do trânsito. Seria agradável chegar uma hora antes da reunião, mas não pode correr o risco de se atrasar.

Para não chegar atrasado à reunião optaria pelo comboio em vez do autocarro?

Dilemas Morais Impessoais

1. Dica para a Bolsa

Você é gestor de contas numa empresa de consultadoria e está a trabalhar num caso para um cliente importe. Esta posição permite-lhe ter acesso a informação confidencial que seria muito útil aos investidores. Tem uma amiga que trabalha na bolsa de valores à qual deve uma soma considerável de dinheiro. Se lhe dar uma determinada informação confidencial você poderá ajudá-la a ganhar muito dinheiro, muito mais do que aquele que lhe deve. Se lhe cedesse esta informação, ela anularia a sua dívida. No entanto, dar informações confidenciais é proibido por lei.

Para pagar a sua dívida optaria por dar essa informação à sua amiga?

2. Fumo

Você é o guarda-noturno de um hospital. Devido a um acidente na porta ao lado do seu edifício, começam a surgir fumos mortais e que passam através do sistema de ventilação do hospital. Num dos quartos do hospital estão três doentes e num outro quarto há apenas um único doente. Se não fizer nada, o fumo chegará ao quarto onde estão os três doentes e causar-lhes-á a morte. A única maneira de evitar as mortes destes três doentes será premir um determinado interruptor que fará com que o fumo contorne o quarto onde se encontram. No entanto, esta opção fará com que o fumo entre no quarto onde se encontra o doente sozinho, causando-lhe a morte.

Para evitar a morte dos três doentes optaria por premir o interruptor?

3. Escultura

Você está a visitar um jardim de esculturas de um colecionador de arte muito rico. Perto do jardim passam umas linhas férreas. Nas linhas encontra-se um homem a trabalhar e uma carruagem está a aproximar-se do homem. A única forma de salvar o trabalhador é empurrar uma das galardoadas esculturas para cima dos carris para travar a carruagem, ao fazer isto vai destruir a escultura.

Para salvar a vida do trabalhador optaria por destruir a escultura?

4. Currículo

Ultimamente tem tentado encontrar um trabalho sem muito sucesso. No entanto, considera que seria mais provável encontrar um trabalho se tivesse um currículo melhor. A colocação de informações falsas em muito melhora o seu currículo. Ao fazer isto poderá finalmente começar a trabalhar, excluindo assim diversos candidatos mais qualificados do que você.

Para encontrar um emprego optaria por colocar informações falsas no seu currículo?

5. Impostos

Você é o proprietário de uma pequena empresa. Ocorre-lhe que poderia fazer diminuir os seus impostos fingindo que algumas das suas despesas pessoais são despesas referentes ao seu negócio. Por exemplo, poderia fingir que a aparelhagem do seu quarto

está a ser usada no seu escritório, ou que os jantares com a sua esposa no restaurante são jantares com clientes.

A fim de diminuir os seus impostos optaria por declarar determinadas despesas pessoais como despesas de negócios?

6. Carteira Perdida

Você está a andar pela rua quando vê uma carteira no chão. Abre a carteira e encontra várias centenas de euros em dinheiro e a carta de condução do dono. Repara também, pelo número de cartões de crédito e por outros documentos, que o dono da carteira é rico. Por outro lado, você tem tido períodos financeiros bastante duros e um dinheiro extra fazia-lhe jeito. Ocorre-lhe enviar a carteira ao proprietário sem o dinheiro.

Para ficar com mais dinheiro para si, optaria por enviar a carteira sem o dinheiro?

7. Barco Rápido

Você está de férias numa ilha longínqua. Encontra-se a pescar numa doca e observa um grupo de turistas a bordo de um barco pequeno a navegar para uma ilha próxima. Logo depois da sua partida, ouve no rádio que há uma tempestade violenta a aproximar-se e tem a certeza que a tempestade vai interceptar o grupo de turistas. A única maneira de garantir a segurança destes, é pedir emprestado um barco rápido para os avisar. O barco rápido pertence a um desleal homem de negócios que não irá aceitar emprestar-lhe o barco de que precisa.

Para prevenir os turistas da aproximação da tempestade optaria por roubar o barco rápido deste homem?

8. Almoço Ilegal

Você é um advogado que se encontra a trabalhar num caso importante. O juiz que irá estar no julgamento é um velho amigo que estudou consigo na faculdade. Eram bastante amigos mas agora, décadas mais tarde, parece que o seu velho amigo não se recorda de si. No entanto, tem a certeza de que se falar com ele durante o almoço poderia fazê-lo recordar-se de si, o que seria muito bom para o seu caso. É ilegal que juízes e advogados se encontrem socialmente quando estão envolvidos no mesmo caso jurídico.

Para o ajudar a ganhar o caso optaria por encontrar-se com o juiz socialmente?

Dilemas Morais Pessoais

1. Transplante

Você é médico. Tem cinco doentes, cada um deles poderá vir a morrer por mau funcionamento de um órgão diferente. Tem um outro doente que se encontra internado por motivos acidentais e sem qualquer patologia grave nos órgãos vitais. A única maneira de poder preservar as vidas dos primeiros cinco doentes é transplantar cinco dos órgãos deste homem (contra a sua vontade) para os corpos dos outros cinco doentes. Se fizer estes transplantes, o homem mais saudável morrerá, mas os outros cinco doentes viverão.

A fim de salvar a vida dos cinco doentes optaria por realizar este transplante?

2. Ponte

Uma carruagem vai na direção de cinco trabalhadores que serão mortos se o comboio não alterar o seu percurso atual. Você está numa ponte por cima dos carris, entre o comboio e os cinco trabalhadores, e ao seu lado surge um homem desconhecido muito grande. A única maneira de salvar a vida dos cinco trabalhadores é empurrar o desconhecido para fora da ponte, para que este caia em cima dos carris de forma a que o seu corpo trave o comboio. O desconhecido morrerá mas os cinco trabalhadores serão salvos.

Para salvar a vida dos cinco trabalhadores optaria por empurrar o desconhecido para os carris?

3. Arquiteto

Você é um arquiteto novo que vai visitar uma das suas construções com o seu patrão. O seu patrão é um indivíduo desprezável que faz com que todos em torno dele se sintam miseráveis incluindo você. Ocorre-lhe que se o empurrasse do edifício todos pensariam que a sua morte tinha sido um acidente.

Para o colocar fora da sua vida optaria por empurrar o seu patrão do edifício?

4. Choro do Bebê

Soldados inimigos invadiram a sua aldeia. Têm ordens para matar todos os civis. Você e alguns habitantes da cidade procuram um refúgio na adega de uma casa grande. Lá fora

ouvem as vozes dos soldados que vieram procurar na casa artigos de valor. O seu bebé começa a chorar muito alto e tapa-lhe a boca para o silenciar. Se tirar a mão da boca do bebé chamará a atenção dos soldados que o matarão a si, à sua criança e aos restantes que se encontram escondidos na adega. Para se salvar a si e aos restantes terá que asfixiar a sua criança até à morte.

A fim de salvar a sua vida e a dos outros optaria por asfixiar a sua criança?

5. Infanticida

Você é uma menina de quinze anos que ficou grávida. Durante a gravidez, usou deliberadamente roupa larga e controlou o peso para manter a sua gravidez em segredo. Um dia, na escola, as suas águas rebentam. Corre até à casa de banho das raparigas e esconde-se por diversas horas até ao nascimento do bebé. Tem a certeza de que não está preparada para cuidar deste bebé e pensa para si própria que seria um grande alívio limpar simplesmente tudo o que sujou, envolver o bebé em algumas toalhas e deixá-lo num caixote do lixo atrás da escola, agindo como se nada tivesse acontecido.

A fim de fazer a sua vida normal optaria por deixar o bebé no caixote do lixo?

6. Sacrifício

Você, o seu cônjuge, e as suas quatro crianças estão a atravessar a montanha em direção à sua casa. Inadvertidamente acampam em cima de um cemitério sagrado de uma tribo local. O líder da tribo diz que de acordo com as leis locais, você e a sua família devem ser condenados à morte. Contudo, o seu cônjuge e os seus três filhos mais novos poderão viver se você matar o seu filho mais velho.

A fim de salvar o seu cônjuge e as outras crianças optaria por matar o seu filho mais velho?

7. Tempos Difíceis

Você e a sua pobre família vivem num país em vias de desenvolvimento. As suas colheitas falharam pelo segundo ano consecutivo, e parece que não tem nenhuma maneira de alimentar a sua família. Os seus filhos, de oito e dez anos, são demasiado novos para trabalhar fora da cidade, mas a sua filha poderia fazer com que a situação da sua família melhorasse. Conhece um homem da sua vila que vive na cidade e que faz filmes sexuais explícitos com crianças da idade da sua filha. Ele diz-lhe que com um

ano de trabalho no seu estúdio, a sua filha ganharia dinheiro suficiente para manter a sua família alimentada por muito tempo.

A fim de alimentar a sua família optaria por empregar a sua filha na indústria pornográfica?

8. Asfixia por Euros

Você está na sala de espera do hospital para visitar um amigo que está doente. Um homem senta-se ao seu lado e diz-lhe que o pai dele está muito doente. Os médicos acreditam que tem uma semana de vida na melhor das hipóteses. Explica ainda que o pai tem um seguro de vida à meia-noite. Se o pai deste senhor morresse antes da meia-noite, o filho receberia uma quantia elevada de dinheiro. Ele diz-lhe que o dinheiro significaria um ótimo negócio para ele e que não lhe interessaria que o seu pai vivesse mais uns dias. Oferece-lhe metade de um milhão de euros se for até ao quarto do pai e o asfixiar com uma almofada.

A fim de ganhar o dinheiro proposto optaria por matar o pai deste homem?

9. Queda do Avião

O seu avião caiu nos Himalaias. Os únicos sobreviventes foram você, um outro homem e um menino. Após a queda, viajaram vários dias com um frio e vento extremos. A única hipótese de sobreviver é encontrar o caminho para uma pequena vila no outro lado da montanha mas isto levaria vários dias desde o local em que se encontram. O rapaz tem uma perna partida e não se pode mover rapidamente. A hipótese do rapaz sobreviver à viagem é nula. Sem alimentos, você e o outro homem, também morrerão. O outro homem sugere-lhe que sacrifique o menino e que comam os seus restos durante os dias seguintes.

Para que ambos sobrevivam a esta viagem com toda a segurança optaria por matar o menino?

10. Eutanásia

Você é o líder de um pequeno grupo de soldados. Quando estão de volta dum missão concluída em território inimigo, um dos seus homens pisa uma armadilha montada pelo inimigo e fica gravemente ferido. A armadilha está ligada a um dispositivo de rádio que alerta o inimigo da vossa presença e rapidamente fará com que vos encontrem. Se o

inimigo encontrar o seu homem ferido irá torturá-lo e de seguida matá-lo. Ele implora-lhe para não o deixar, mas se você o fizer o grupo inteiro será capturado. A única maneira de impedir que este soldado ferido seja torturado é disparar contra ele.

A fim de impedir que o soldado seja torturado pelo inimigo optaria por disparar contra ele?

11. Bomba

Você está a negociar com um terrorista poderoso e que está determinado a fazer rebentar uma bomba numa área cheia de pessoas. A sua vantagem é que tem sob a sua custódia o filho adolescente dele. Há somente uma coisa que poderá fazer para impedir o terrorista de detonar a bomba que mataria milhares de pessoas. Deverá contactá-lo por uma ligação via satélite que este estabeleceu e em frente da câmara ameaçar partir os braços do filho do terrorista.

A fim de impedir que milhares de pessoas morram, optaria por partir os braços do filho do terrorista?

12. Vacina

Uma epidemia viral está a contaminar milhões de pessoas em todo o mundo. Você desenvolveu duas substâncias no seu laboratório e sabe que uma delas é uma vacina, mas não sabe qual delas é. Sabe também que a outra substância é mortal. No entanto, a substância que é a vacina pode salvar milhões de vidas. Tem perto de si duas pessoas que estão sob o seu cuidado, e a única forma de identificar qual das substâncias é a vacina é injetar, em cada uma destas pessoas, uma das substâncias. Uma pessoa viverá, a outra morrerá, e assim poderá começar a salvar vidas com a sua vacina.

A fim de identificar a vacina que tem a capacidade de salvar milhões de vidas optaria por matar uma destas pessoas com uma injeção mortal?